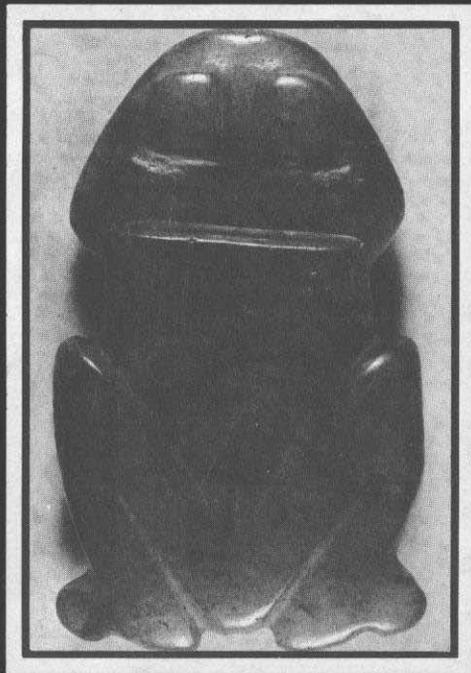


EXPOSIÇÃO
DE PEÇAS
ARQUEOLÓGICAS
E ETNOGRÁFICAS

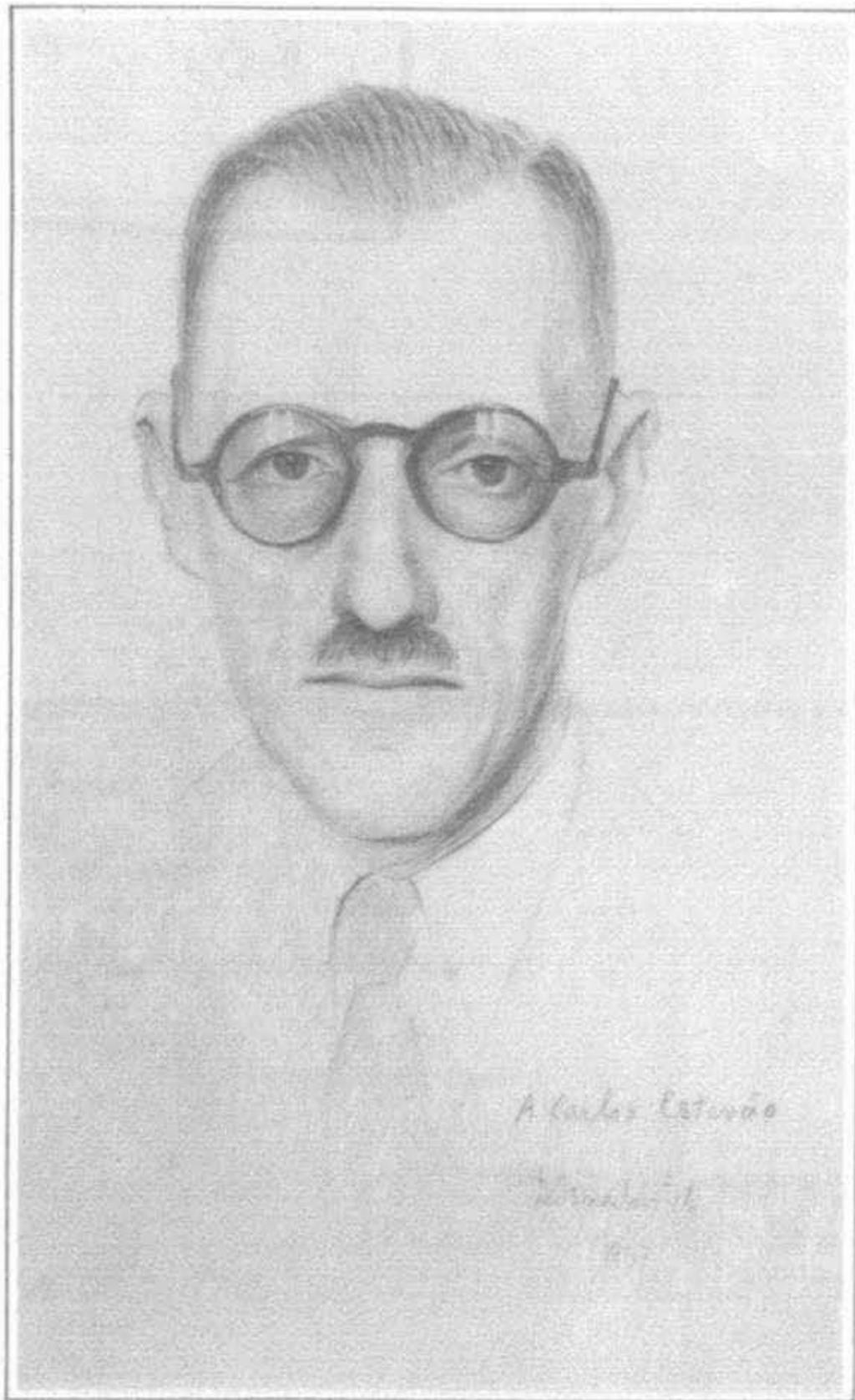
COLEÇÃO
CARLOS ESTÉVÃO



CEDI - P. I. B.
DATA 15 / 10 / 87
COD. A5D0024

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE TURISMO, CULTURA E ESPORTES
MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO

RECIFE DE 13 DE ABRIL A 15 DE JUNHO



Carlos Estevão

DADOS BIOGRÁFICOS

Carlos Estêvão de Oliveira, nasceu em Olinda, Pernambuco, em 30 de abril de 1880, filho do Dr. Antônio Estêvão de Oliveira e de D. Josefa Enedina de Oliveira.

Formou-se em 1907 pela Faculdade de Direito do Recife, sendo então nomeado Promotor Público da cidade de Alenquer, no Pará. Transferiu-se para Belém em 1913, onde ocupou vários cargos, entre os quais, o de Consultor Jurídico das Obras Públicas, função que exercia em 1930, quando foi nomeado Diretor do Museu Goeldi, em Belém do Pará, cargo que exerceu até à sua morte.

Foi membro do Instituto Arquelógico Histórico e Geográfico Pernambucano, dos Institutos Históricos do Pará e do Ceará e da Academia Paraense de Letras e também Delegado do instituto de Estudos Brasileiros – 1ª Região com sede em Belém.

Poeta, autor de obras literárias e científicas, dedicou-se também ao estudo do folclore.

Com 66 anos, trinta e oito vividos na Amazônia, faleceu em Fortaleza em 05 de junho de 1946.

LEMBRANDO CARLOS ESTÊVÃO DE OLIVEIRA

Com D. João da Purificação Marques Perdigão, eleito e empossado Bispo de Pernambuco em 1833, inicia a Igreja Católica fase de grande prestígio religioso e maior pompa litúrgica. É, podemos dizer, o século fotográfico do velho Recife. Século dos viajantes indiscretos que tudo viram e tudo contaram à posteridade. E daí, nós que vivemos eternamente envolvidos na poeira dos códices e dos manuscritos seculares, quase ilegíveis muitos deles pelo mau trato dos tempos e indiferença dos homens, termos guardado na retina, perfeitamente estampado, tudo quanto vibrou na vida católica e social do Recife, naquele, realmente, agitado período de cem anos.

Foi, indiscutivelmente, o século XIX um grande século místico. O século das procissões pomposas ou piedosas. Dolorosas ou exóticas. Dos cortejos noturnos de penitência por ocasião dos grandes flagelos, principalmente das epidemias que preocupavam, constantemente, a tranqüilidade da cidade. Do lúgubre desfile da “encomendação das almas”. Da magnificente procissão do Triunfo ou da aparatosa procissão de Cinza. Do concorrido desfile do Senhor Bom Jesus dos Passos da Paixão de Cristo, todas imponentes cerimônias quaresmais.

Iniciamos, todavia, nossos comentários com a penitente procissão da Encomendação das Almas, face à observações e fatos constatados em pleno meado do século XX por uma das mais fortes expressões de cultura etnográfica que viveu até alguns anos passados: Dr. Carlos Estêvão de Oliveira.

Para que tenhamos uma perfeita idéia — facilitando, aliás, um estudo de confronto — ouçamos Melo Moraes Filho quando nos descreve esta macabra cerimônia: “as sextas-feiras, ao toque da meia-noite, quando as cidades e povoados estavam ermos, quando os lobisomens, as caiporas, as mulas sem cabeças corriam o fado, soavam nos ares o troar da matraca e o badalar da campá sinistra, que anunciavam o préstito em movimento. Em caminho sucedia reunirem-se a estes penitentes que surgiam daqui e acolá, vestidos de saias de mulher, coroados de espinhos e com as costas nuas, sobre as quais faziam vibrar férreas disciplinas, açoutando-se a sangue”.

Pelo dramático de sua execução, pelo funambulesco e pelo macabro desapareceu desde inícios do século XIX, esta cerimônia externa da Igreja. Os cortejos de expiação, aqueles que o povo católico fazia nos grandes momentos de sofrimento tinham, já no meado do século passado, moldagem e ritual absolutamente diversos.

Vamos, entretanto, em pleno apogeu da civilização do século XX encontrar em Pernambuco, se bem que um tanto modificada em sua apresentação religiosa, uma autêntica e inesperada procissão de “encomendação das almas”, até mesmo com a prática e o rigor das disciplinas. Conta-nos, este que foi tão nosso estimado amigo Carlos Estêvão de Oliveira, em artigo sob título: “O Ossuário da gruta do Padre em Itaparica e algumas notícias sobre os remanescentes indígenas do Nordeste”, esta curiosa cerimônia a que ele, muito justamente, liga à influência exercida pela catequese

sobre os povos então reunidos no "Brejo dos Padres".

E o mais interessante é que não tenham perdido nem desvirtuado esses nativos do Brejo dos Padres, mesmo depois de tantos séculos decorridos, os detalhes ou o conjunto dessa celebração católica.

Embora tenham sido, nos primeiros tempos da catequese, doutrinados dentro da pura religião de Cristo, da qual não conservaram, é evidente, a pureza ministrada, tiveram, todavia, segundo as próprias palavras de Carlos Estêvão, "a habilidade de harmonizar admiravelmente bem as suas crenças pagãs com as idéias religiosas que lhes foram transmitidas pelas distantes missões católicas. Assim é que todas as festas de cunho pagão que se realizam à noite só principiam depois de terminada a ladainha que costumam rezar na igreja da aldeia".

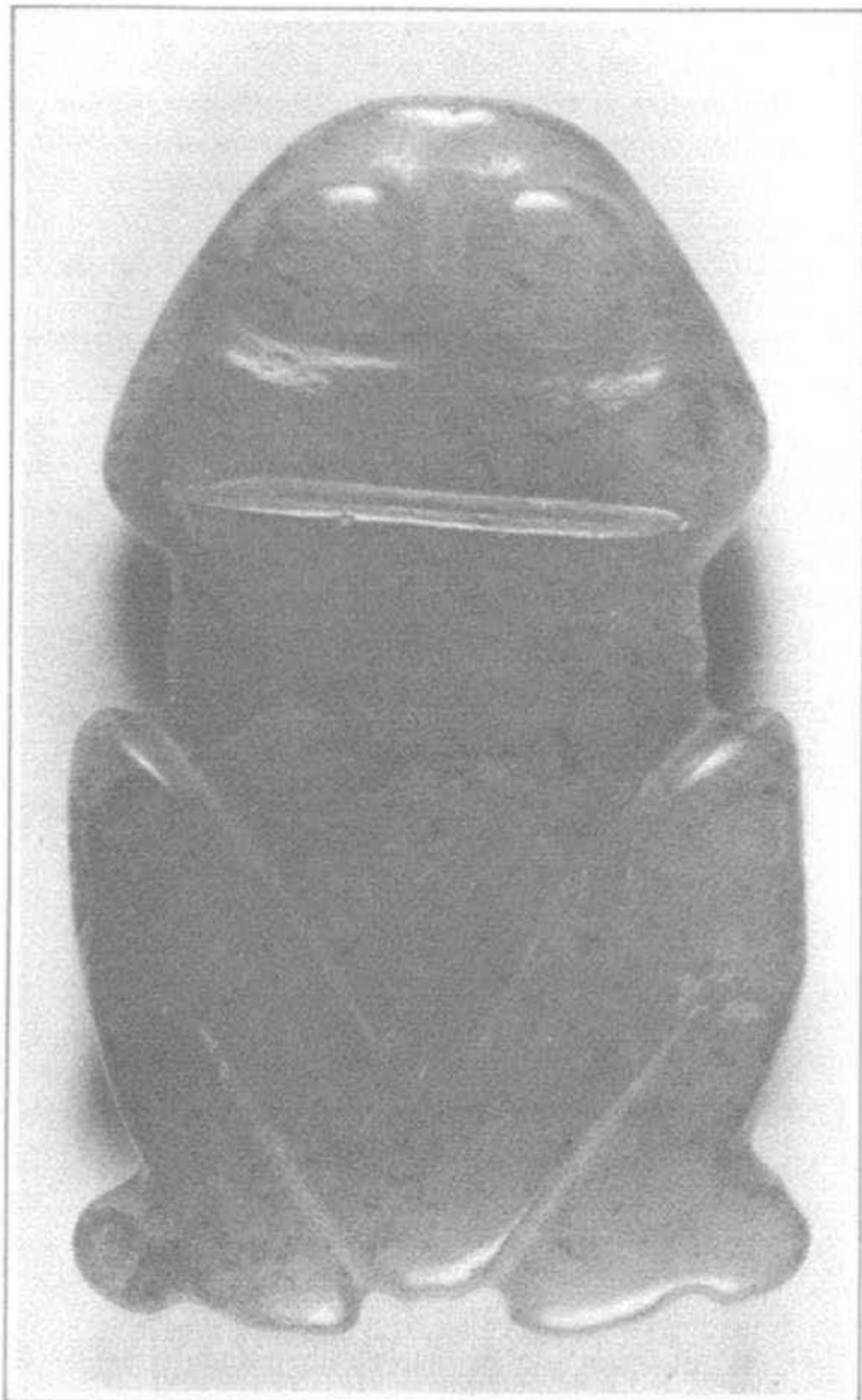
Leiamos, ainda, como Carlos Estêvão nos relata a procissão que assistiu e cotejemos se não será a mesma de encomendação das almas, reproduzida alguns séculos depois. Convém assinalarmos que se trata de cerimônia realizada pelos índios Pancararu, localizados no Brejo dos Padres, município de Tacaratu, em Pernambuco.

"Quem chegando, hoje, ao Brejo, diz Carlos Estêvão, no período quaresmal, vê sair em via sacra da igreja, todas as quartas e sextas-feiras à meia-noite, uma porção de homens, levando à frente, erguida, uma cruz, ladeada por dois congregados, chamados "decuriões" e acompanhado por outros congregados, todos vestidos de hábitos azuis com cruzes brancas e cabeças cobertas com capuzes que

os tornam, completamente, desconhecidos e, mais atrás, um grupo de "penitentes", de bustos nus, a se retalharem com disciplinas cortantes como navalhas, cantando benditos, em busca das cruzes que abrem os braços pelas estradas da aldeia, dificilmente acreditará que ali estejam membros da sociedade dos "praiás" e comungantes da festa do "ajucá".

"Entretanto é isso uma Verdade. E essa verdade vem demonstrar que, se entre as tribos reunidas no Brejo dos Padres figurou, como parece, gente do grupo tupi, certo o elemento predominante não foi este, porquanto tão grande habilidade em receber culturas estranhas não é crível, sem esmagamento da própria".

III
Fernando de



*Muiraquitã
(Coleção particular)
Escultura em jadeíte,
ligada à lenda
das Amazonas,
hoje considerado
amuleto*

HISTÓRICO DA COLEÇÃO

A primeira peça que motivou Carlos Estêvão a constituir as coleções arqueológica e etnográfica do Brasil e Peru (em número de 3.189 peças) foi um MUIRAQUITÃ.

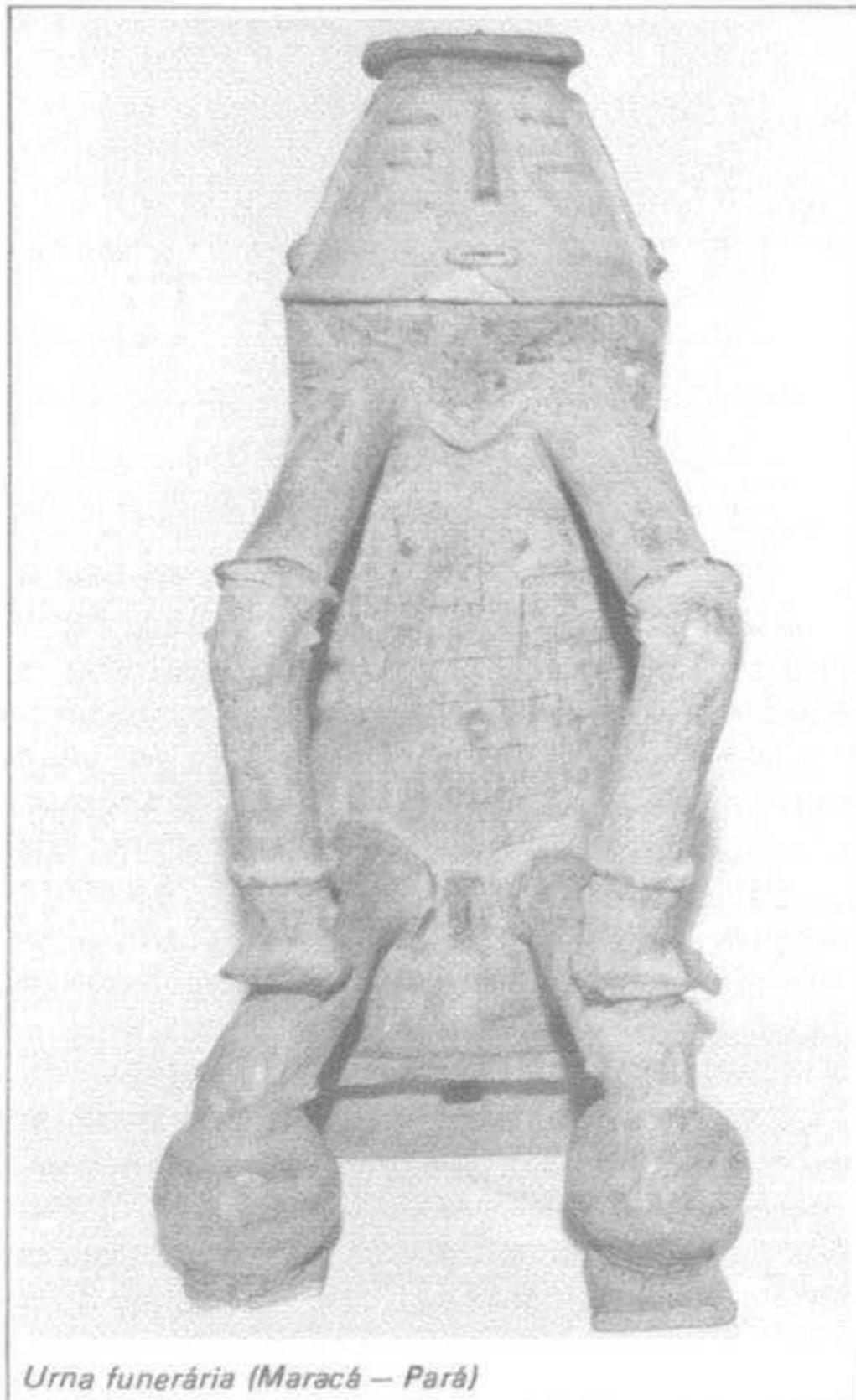
O acervo veio de Belém para Pernambuco, doado pela família, em cumprimento de uma vontade do colecionador firmada em 1947, dando entrada oficial no Museu do Estado, no dia 10 de julho daquele ano.

A coleção compreende uma grande variedade de objetos provenientes de 54 tribos que, por seus valores científicos e culturais, são frequentemente citados em publicações nacionais e estrangeiras.

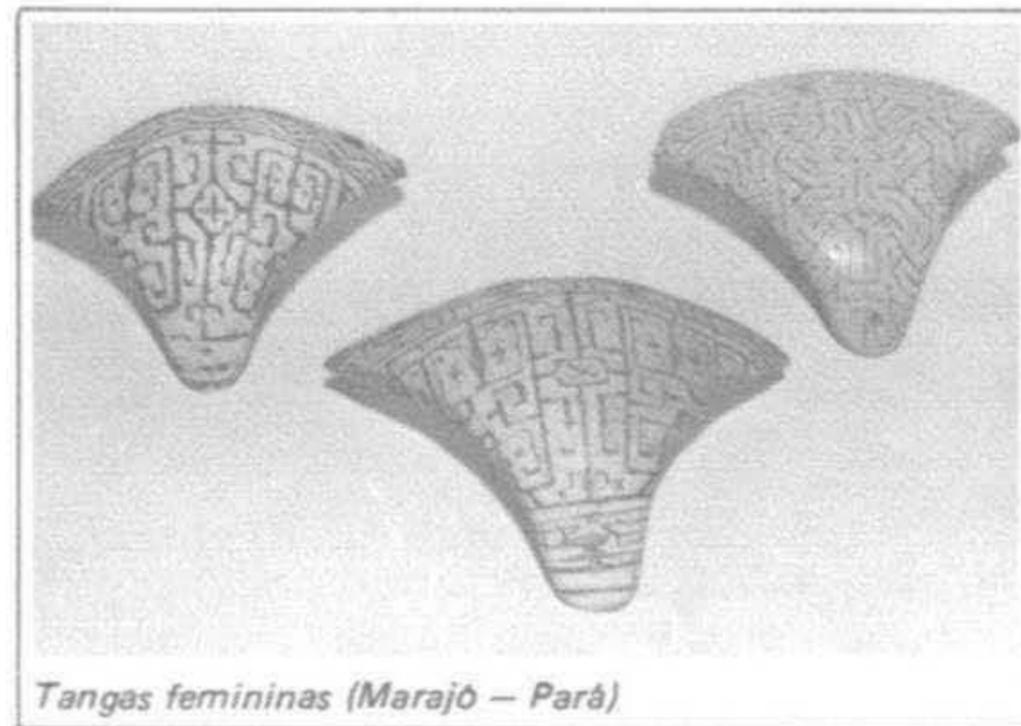
Entre as importantes peças da coleção, figura um mapa histórico-lingüístico de povos tribais brasileiros e de regiões fronteiriças, confeccionado em papel canson, nanquim e aquarela.

O mapa, concebido por Curt Nimuendaju, primeiro de uma série de três, classifica o indígena segundo grupos lingüísticos. Assinala, na época em que foi feito, as tribos extintas, as tribos atuais e os locais outrora ocupados por tribos ainda existentes. É um trabalho cartográfico singular. Tem um complemento elucidativo com citação de 218 bibliografias consultadas e a consignação de mais de mil tribos. Os dois outros exemplares figuram, respectivamente, nas coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro e na Smithsonian Institution — U.S.A.

As exposições permanentes, e as sucessivas mostras temporárias e itinerantes comprovam a importância desse acervo. Nessas mostras o estudante e o público em geral vêm tendo acesso a conhecimentos reais sobre os usos e costumes do Índio brasileiro — um dos elementos constitutivos da formação do nosso povo.



Urna funerária (Maracá – Pará)



Tangas femininas (Marajó – Pará)



Moringas (tribo Piros – Peru)

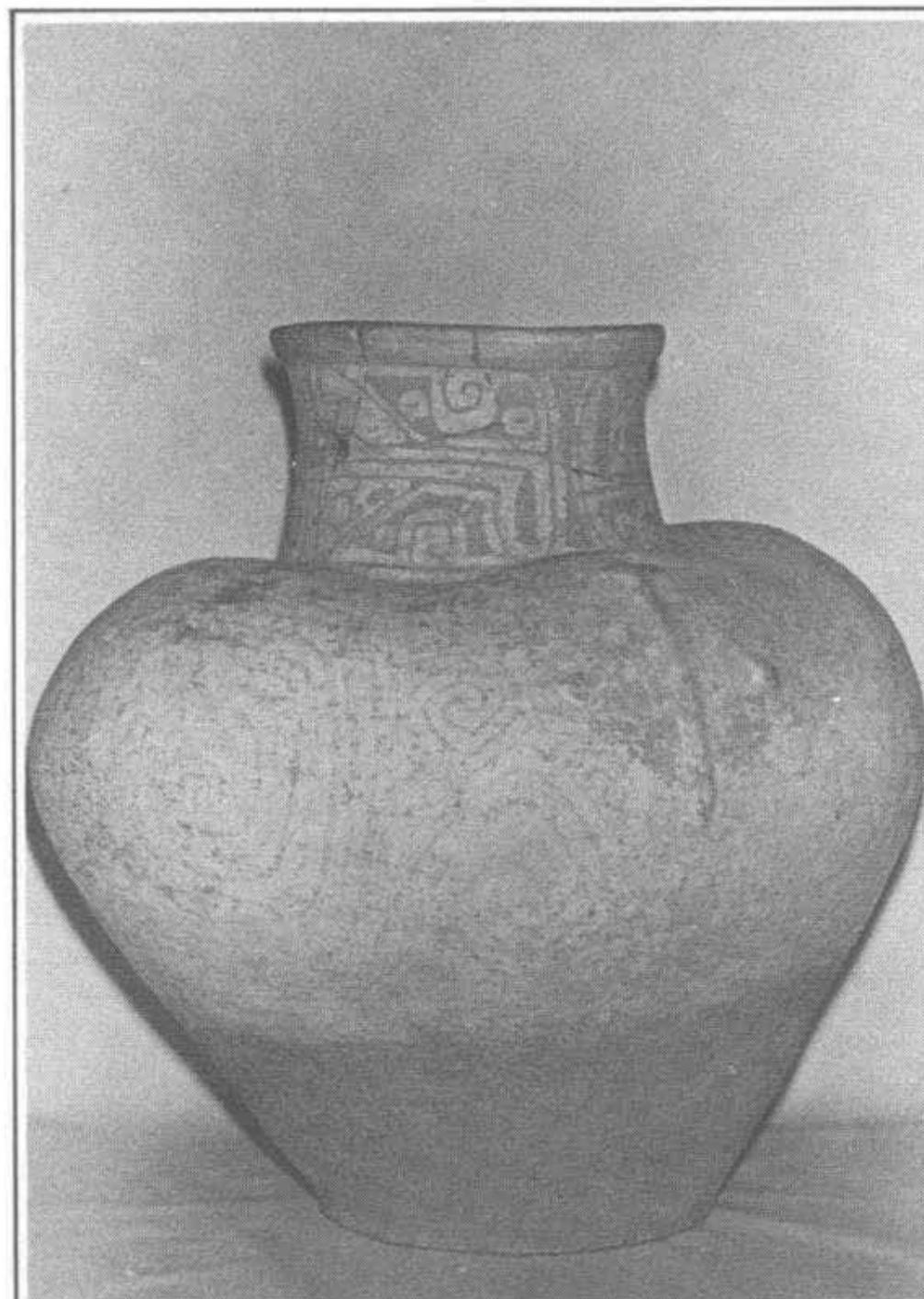
CERÂMICA

O conjunto de cerâmica arqueológica reúne 149 peças das regiões de Marajó, Santarém e Maracá.

Os objetos marajoaras, fragmentos e peças, dão maior peso à coleção, e muitos já figuram em publicações renomadas entre as quais a de "The American Philosophical Society", intitulada "The Pottery of Marajó Island – Brazil" de Helen C. Palmatary. A fase Marajoara, segundo análise realizada por Meagger e Evans, que utilizaram o processo de datação carbono 14, está compreendida no período entre os anos 400 a 1350 DC. São exemplares raros e belíssimos, tanto pelas suas formas como pela primorosa execução, apresentando alguns deles três tratamentos diferentes.

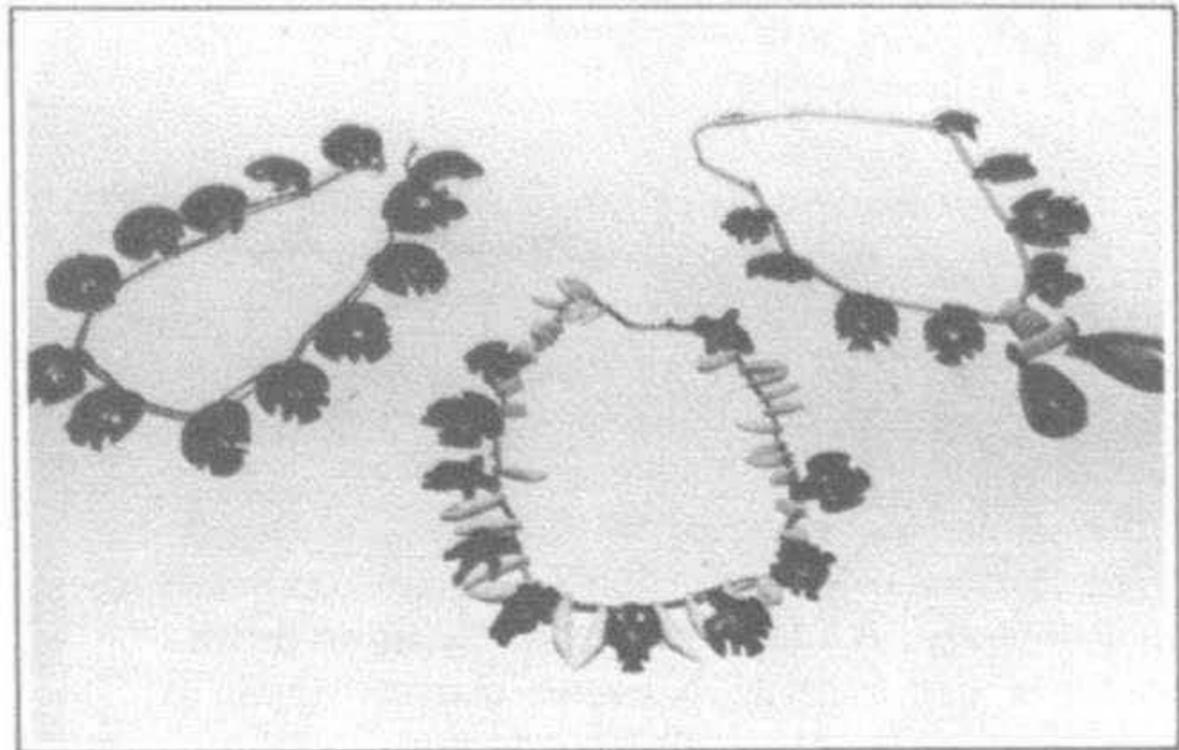
A cerâmica de Santarém é historicamente posterior a de Marajó, sendo citada por Betendorf em 1661. Foi produzida pelos povos que viveram até o século XVIII na região hoje ocupada pela cidade de Santarém (Pará). Caracteriza-se pela riqueza de modelagem com formas exóticas e complexas.

No campo da etnografia tem realce o conjunto de 14 tijelas Apalaí (Rios Paru e Jari, Pará). As peças, nas formas circular e ovalada, apresentam desenhos geométricos e figuras zoomorfas na face interna. Destacam-se também os exemplares antropomorfos da tribo Piros (Peru).

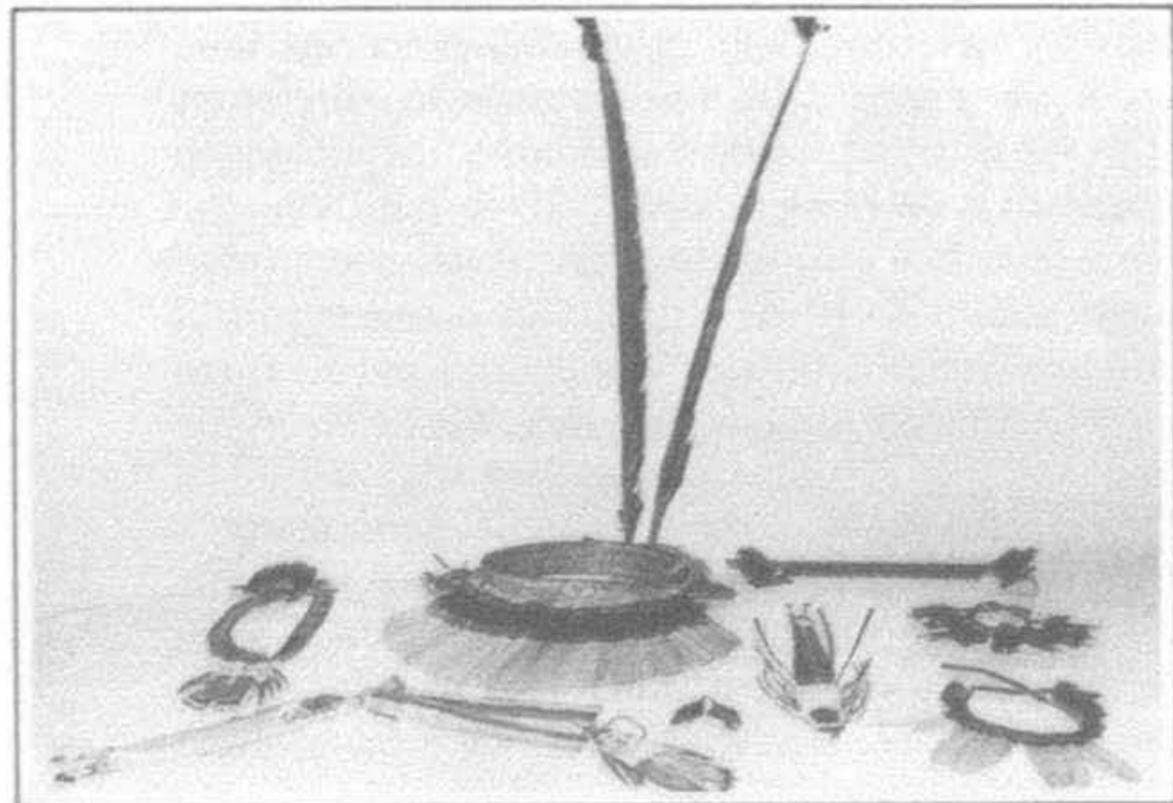


Vaso, forma rara (Marajó – Pará)

*Colares
com escultura
em coco
de Tucamã
(tribo Tukuna – Amazonas)*



*Plumária
tribo
Urubu-Kaapor – Maranhão*



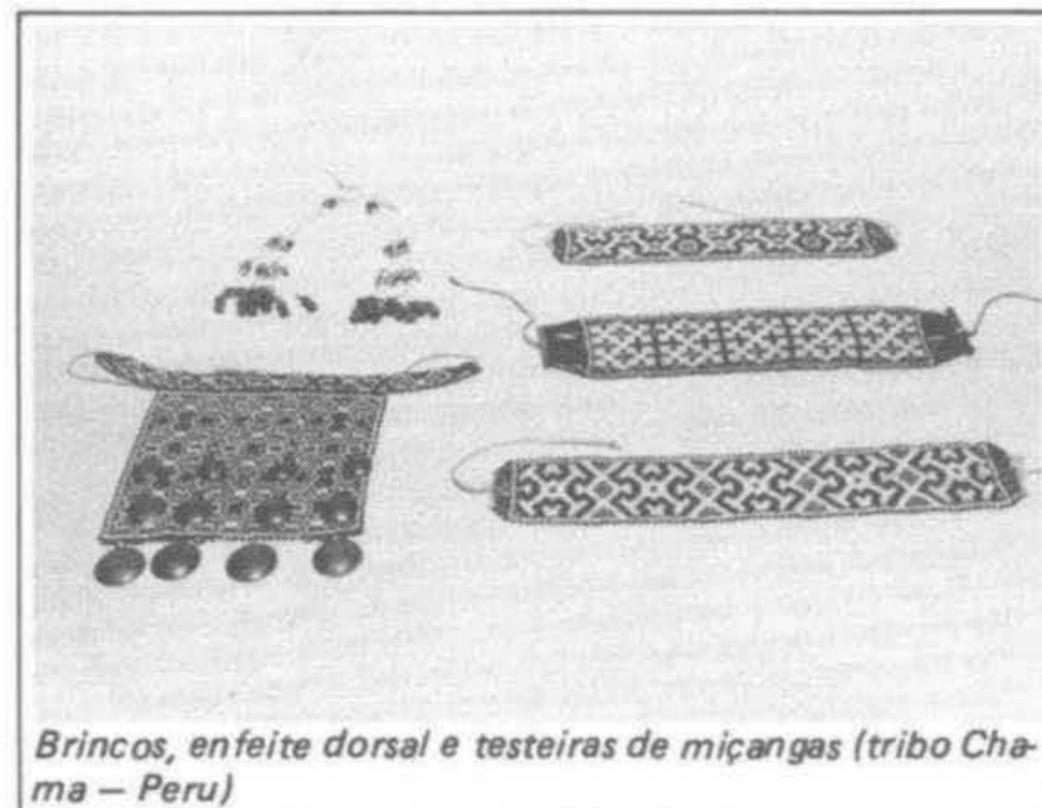
ADORNOS CORPORAIS

A coleção "Carlos Estêvão" conta com 546 adornos corporais de índios brasileiros e peruanos, confeccionados com penas, sementes, asas de besouro, cocos de palmeiras, ossos, dentes e miçangas.

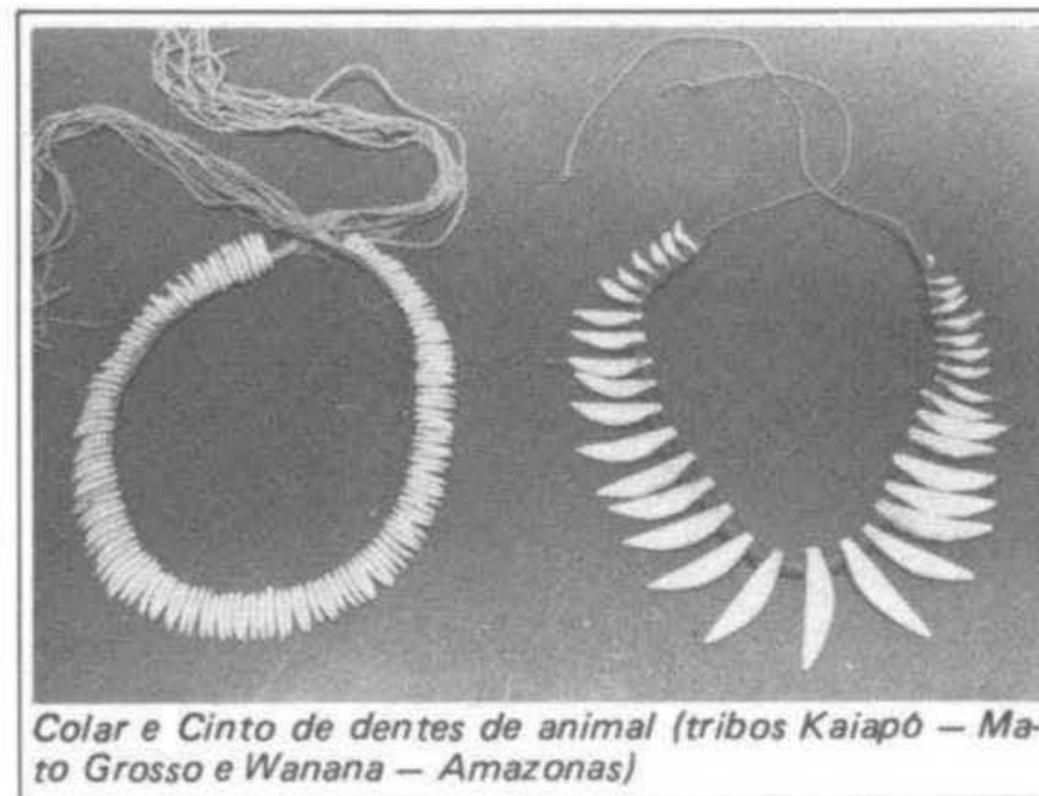
Da tribo Chama (Alto Ucaiale – Peru) destacam-se 48 peças com desenhos e cores variadas, tecidas com miçangas.

Das tribos brasileiras têm realce 111 exemplares da tribo Urubu–Kaapor (rio Gurupi, Maranhão) reunindo diademas, colares, pulseiras, brincos e tembetás. Algumas dessas peças apresentam valor mítico-religioso, ligando-se ao culto de Maíra, seu deus criador. A combinação de plumas de cores brilhantes, em técnica de mosaíco, surpreende pelo virtuosismo da execução.

Da tribo Tukuna (Alto Solimões, Amazonas) têm destaque as peças esculpidas, salientando-se os colares de coco de tucumã (*Astrocarium* sp.) com 406 miniaturas de figuras antropomorfas e zoomorfas e minúsculas contas também esculpidas em coco que, hoje, se constituem num elemento raro.



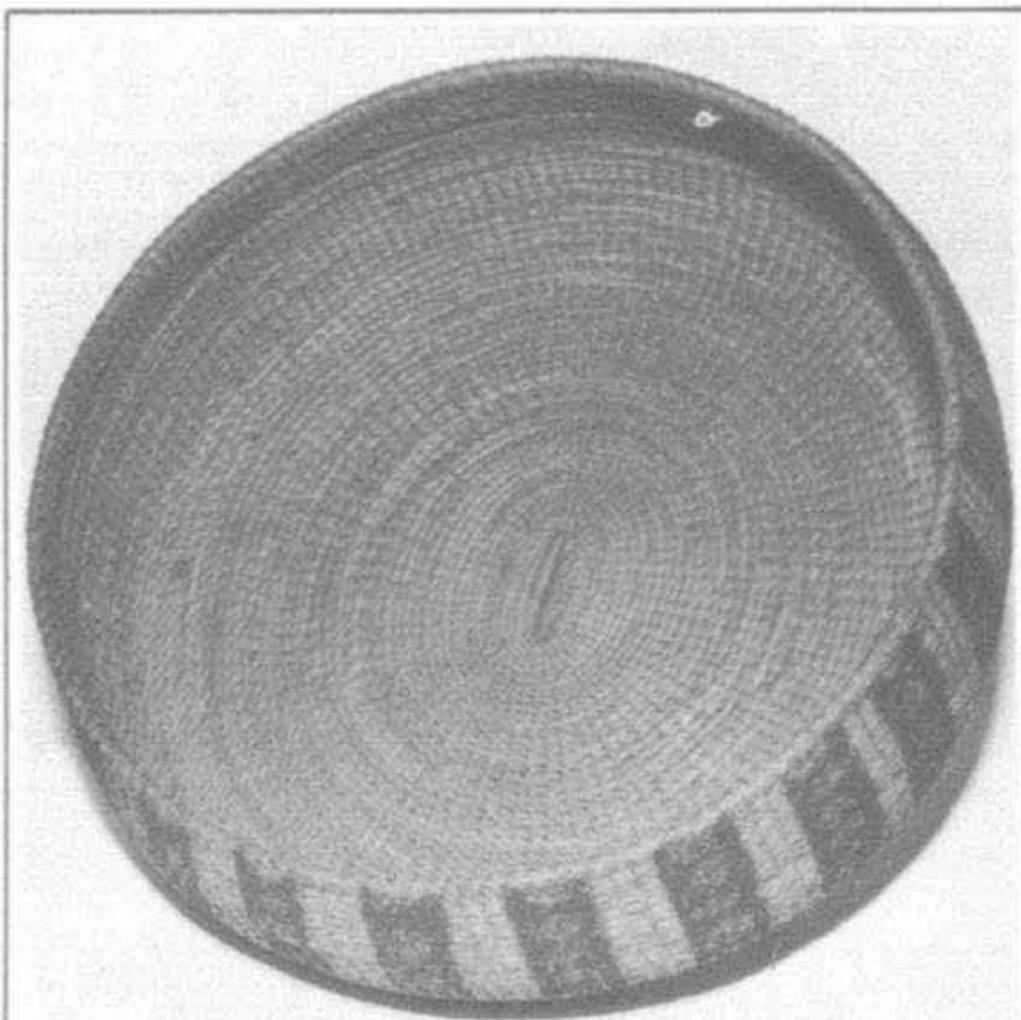
Brincos, enfeite dorsal e testeiras de miçangas (tribo Chama – Peru)



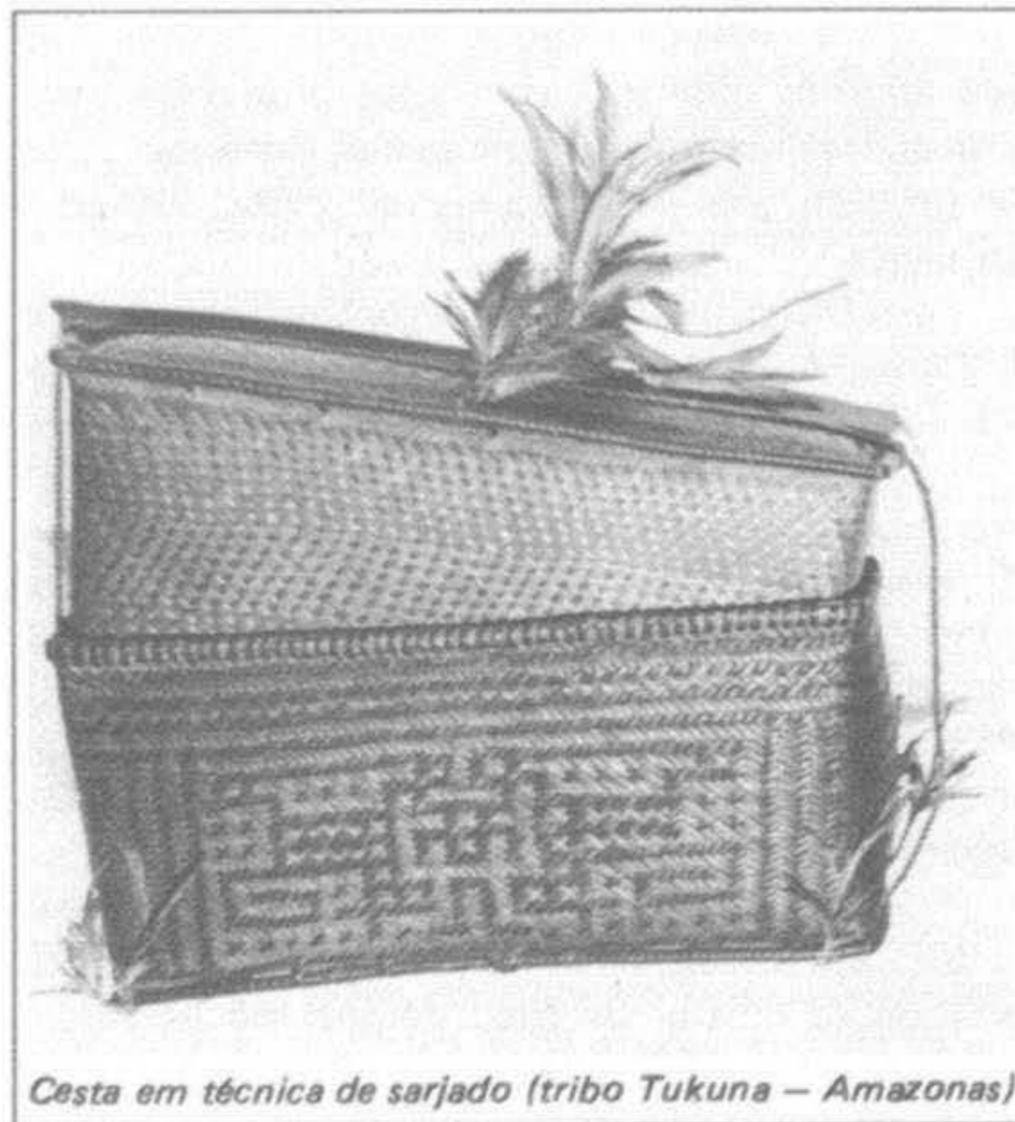
Colar e Cinto de dentes de animal (tribos Kaiapó – Mato Grosso e Wanana – Amazonas)

CESTARIA

A coleção reúne exemplares das principais técnicas de trançado encontradas entre os povos do Brasil, incluindo-se o SARJADO e ESPIRALADO. A matéria prima utilizada é, normalmente, a folha de palmeira, talas e os cipós. Desde os grandes cestos de carga aos minúsculos exemplares de cestaria para uso individual, pode-se analisar a variedade de tratamento, formas e ornamen-



Cesta em técnica espiral (tribo Canelas Orientais – Maranhão)



Cesta em técnica de sarjado (tribo Tukuna – Amazonas)

tações intencionais, destacadas pela cor ou simplesmente sugeridas pelo entrelaçar dos elementos constitutivos da peça. Entre os objetos confeccionados em técnica espiral, salienta-se a cesta dos Canelas Orientais (Maranhão), pela exatidão de sua feitura.

Dentre os sarjados destaca-se a cestaria Parucotó (Rio Jamundá, Pará) e do grupo Jê.



Cesto em técnica de sarjado (tribo Tukuna – Amazonas)



Cesta em técnica espiral (tribo da Região do Jamundá – Pará)

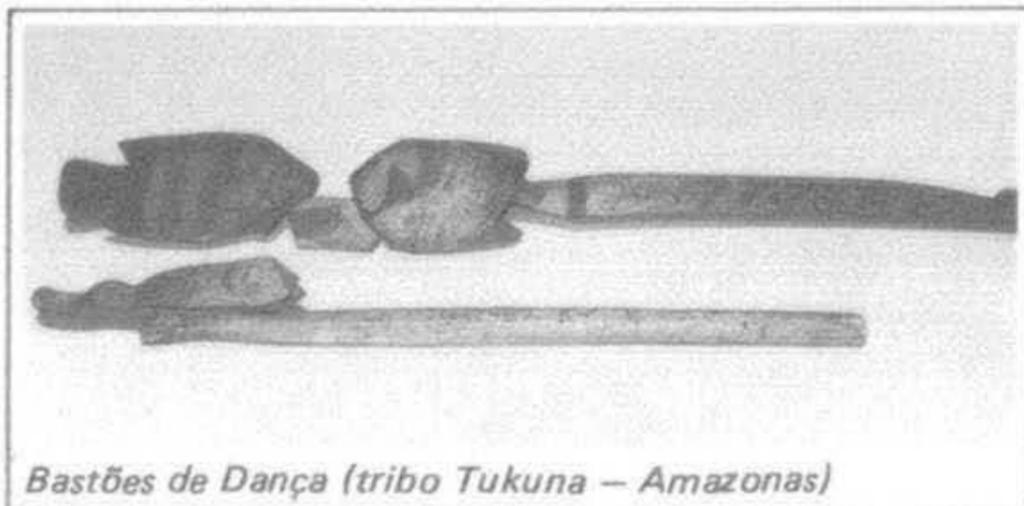
OBJETOS CERIMONIAIS

Em uma tribo indígena o cerimonial faz parte do cotidiano, tornando-se difícil separar o profano do religioso. As máscaras, os bastões de dança, os ornamentos corporais mais ligados ao cerimonial estão reunidos nesta coleção. É importante o conjunto de máscaras tukuna, feitas com a entrecasca do tururi, árvore da mata amazônica, empregando-se cores, obtidas da flora local, nos seus desenhos.

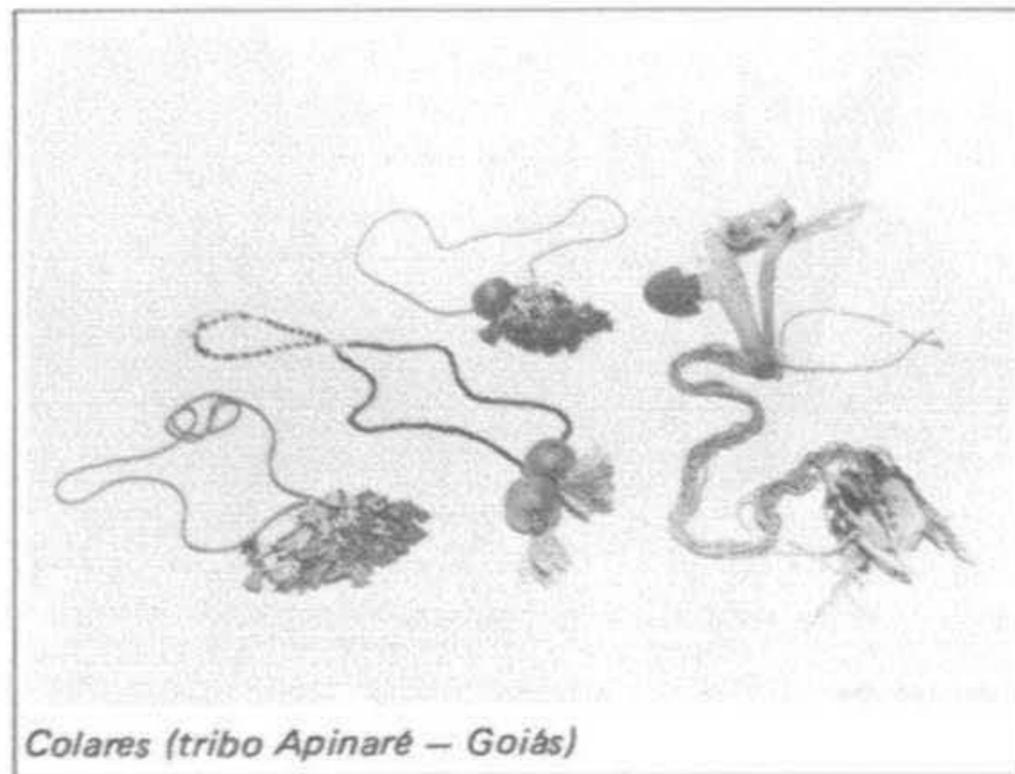
Os bastões de dança, escultura direta em madeira leve e pesada, são de várias tribos.

A faixa de cantadeira, usada no casamento cerimonial, é feita de tecido de algodão em fio contínuo com borlas.

O colar com as duas cabacinhas, ligado à lenda da formação do mundo entre os Apinaie, (Rio Tocantins, Goiás), e outros ornamentos corporais com implicações religiosas mais sensíveis, estão incorporados nesse conjunto.



Bastões de Dança (tribo Tukuna – Amazonas)



Colares (tribo Apinaré – Goiás)

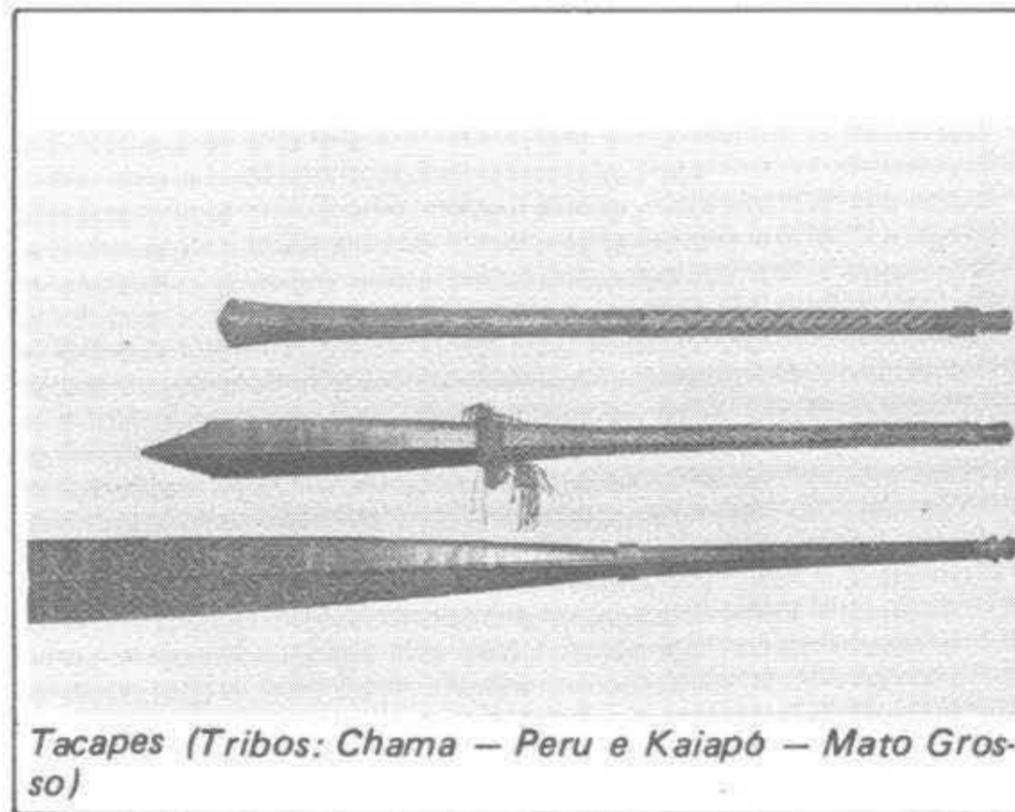


Faixa de Cantadeira (tribo Canelas – Orientais – Maranhão)

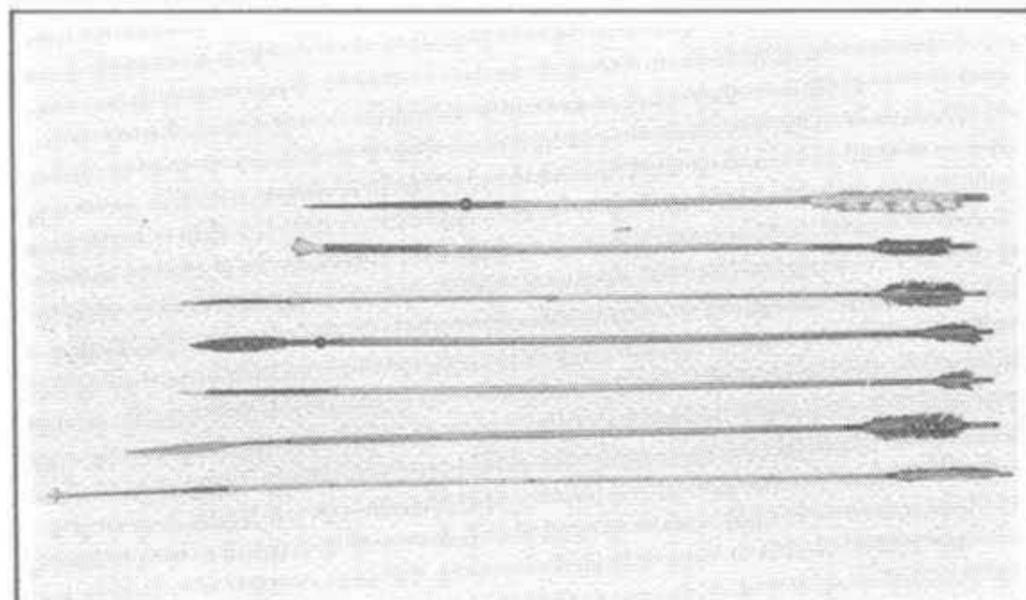
ARMAS

Machados de pedra, arcos, flechas, tacapes, zarabatanas e lanças totalizam 844 exemplares de armas desse valioso acervo. Alguns exemplares, sobressaem-se pela qualidade, tais como os arcos Açurini, citados no "Handbook of South American Indians", Vol. III, 232, fig. 27, como os mais largos encontrados entre tribos brasileiras, as flechas Açurini e as dos índios Apalaí, pelo tratamento dado nas suas empenações. Nelas aparecem o trançado de talas bicolor, os mosaicos de penas e os ornamentos em resina, além dos desenhos sobre enrolamentos de fios de algodão.

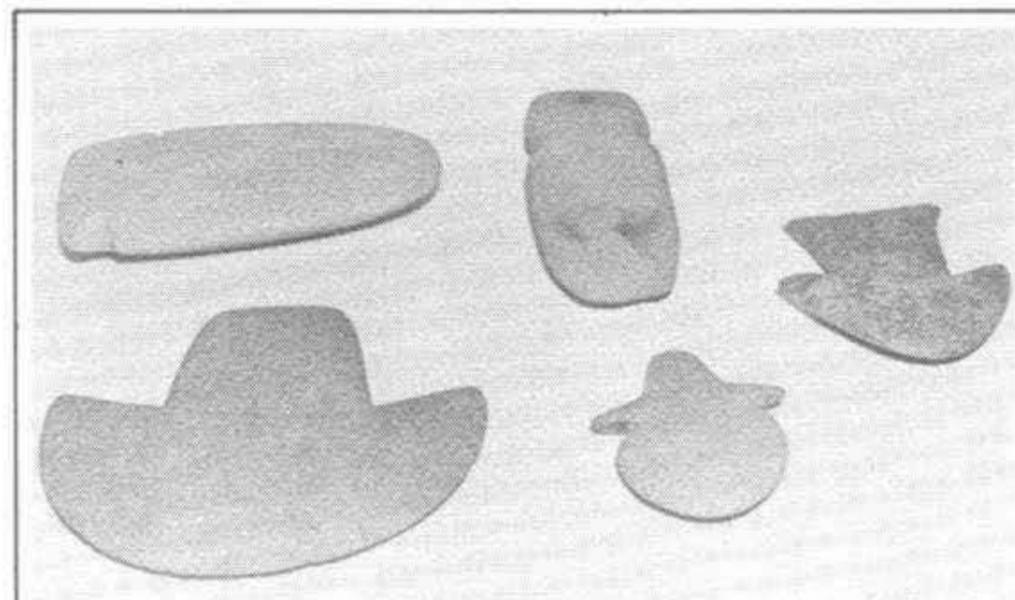
O conjunto de flechas apresenta grande variedade de pontas ligadas à sua utilização nos diversos tipos de caça e pesca.



Tacapes (Tribos: Chama – Peru e Kaiapó – Mato Grosso)

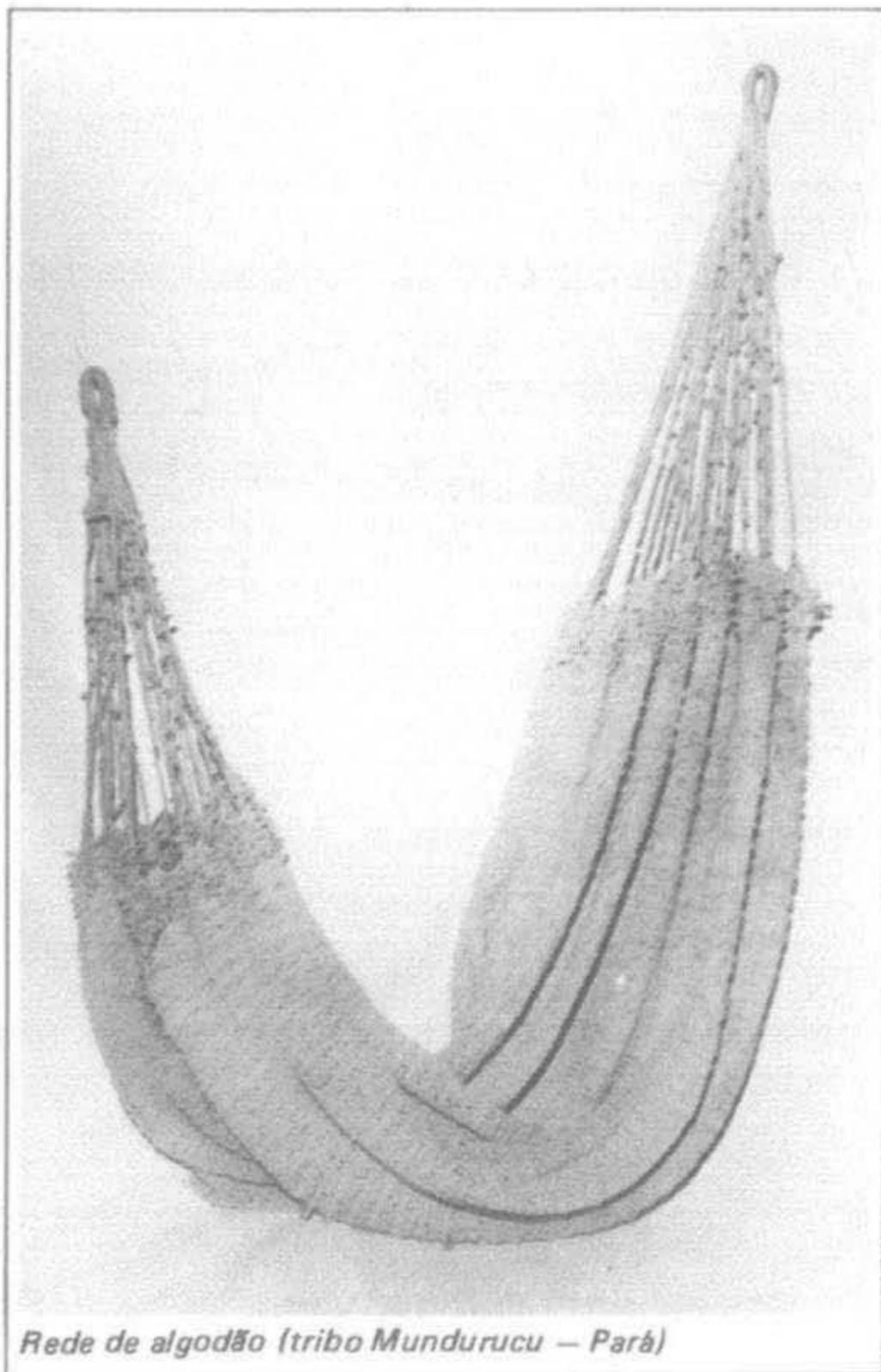


Flechas com diversos tipos de ponta (várias tribos)



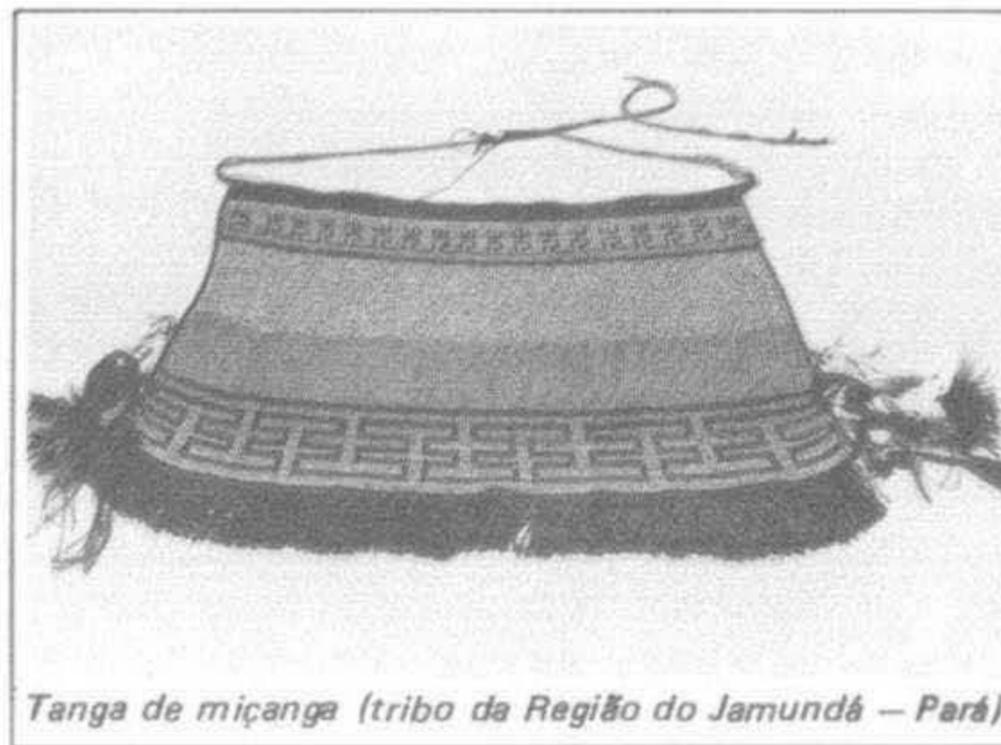
Machados de pedra (sítios arqueológicos – Pará e Ceará)

TECIDOS



O índio brasileiro, além de tecer com dois fios, a urdidura (fio fixo) e a trama (fio móvel), utilizando o tear, cria técnicas com agulhas de ossos e madeira, ou, simplesmente, com os dedos, usando um só fio (fio contínuo) que é desenvolvido em alças, voltas e nós, resultando em pontos semelhantes ao croché, tricô, filé e outros.

A maioria das redes e algumas peças pequenas da coleção, como tangas e braçadeiras, enquadram-se na primeira técnica, onde sobressaem também as "saias" Urubu-Kaapor. Na técnica do fio contínuo, as mais expressivas são os "aiós" da tribo Masakari (Rio Jequitinhonha, Bahia e Minas) e as redes das tribos Apiaká (Rio Tapajós, Pará) e Tukuna (Amazonas).



INSTRUMENTOS MUSICAIS

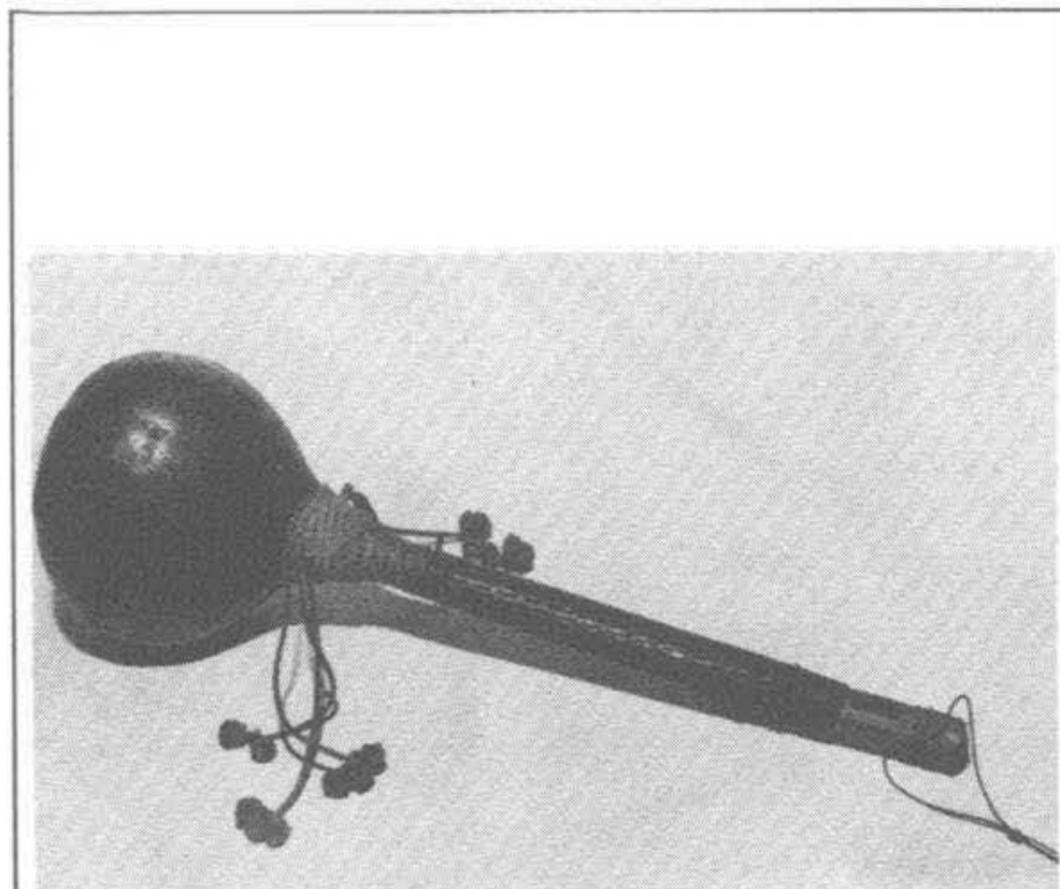
No conjunto de instrumentos musicais da "Coleção Carlos Estêvão" tem-se exemplares de percussão e de sopro. Entre os de percussão, já sob influência européia, destaca-se um tambor usado na festa dos índios Tukuna para iniciação da menina, além dos chocalhos usados para ritmar a dança, compostos de elementos de origem animal e vegetal. A coleção de maracás é rica de formas, tamanho e conteúdo sonoro.

Os instrumentos de sopro compreendem: buzinas, apitos e flautas transversais e do tipo pan,

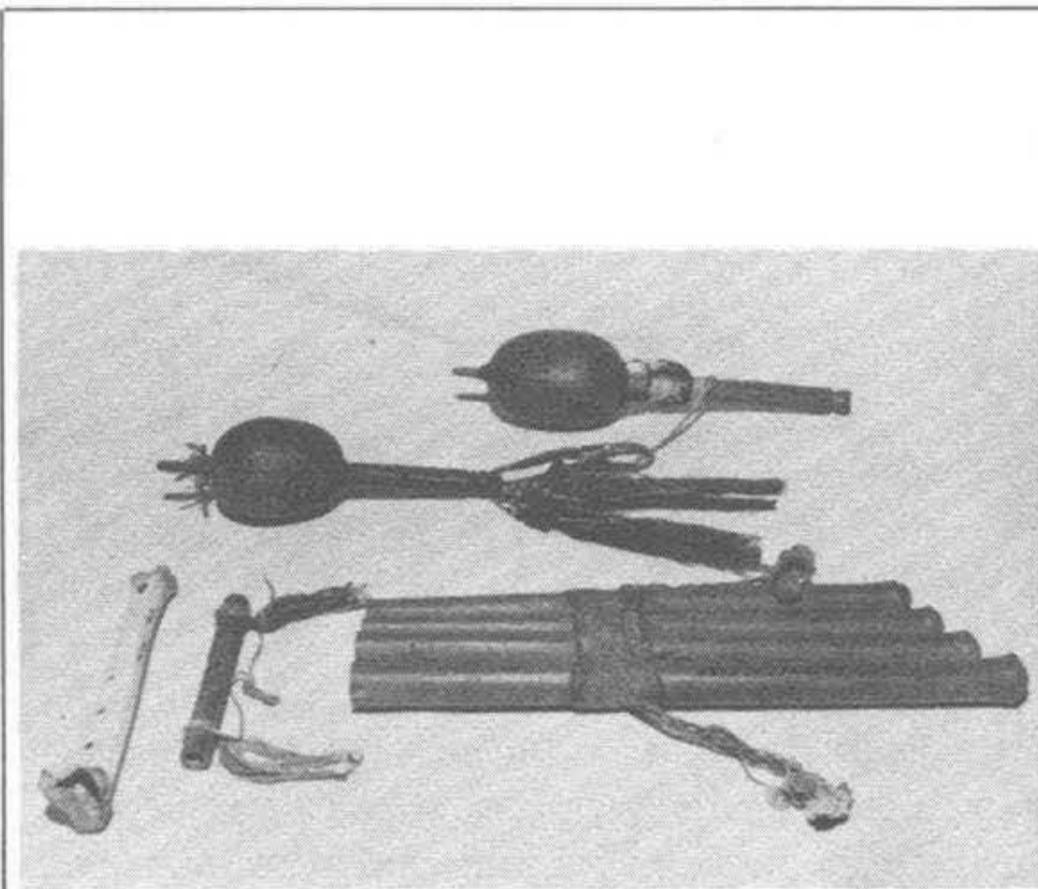
onde a variação de sons é obtida de duas maneiras: na primeira, a modulação é conseguida com a movimentação dos dedos sobre os orifícios e, na segunda, é a variedade de tamanho e da grossura dos tubos de bambu que dão sonoridade de escala ao sopro do tocador.

Entre as buzinas destacam-se as da tribo Gavião (Rio Tocantins, Goiás) pelo tamanho avantajado e pela primorosa confecção.

As matérias-primas mais usadas são a taquara, o osso e a cabaça.



Buzina (tribo Gavião – Goiás)



*Maracás (tribo Gorotire – Pará)
Flautas (Grupo Tucana e tribo Gavião – Goiás)*

EXPOSIÇÃO

A Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento de CARLOS ESTÉVÃO DE OLIVEIRA realizada no Museu do Estado, é patrocinada pelo Governador do Estado de Pernambuco Dr. Marco Antônio de Oliveira Maciel, sendo Vice-Governador do Estado o Prof. Roberto Magalhães Melo, Secretário de Turismo, Cultura e Esportes o Poeta Francisco A. Bandeira de Mello e diretor do Museu do Estado a museóloga Marluce Câmara Azevedo.

A Exposição foi coordenada pela museógrafa Eva Auxiliadora Salvador Vasconcelos que contou com a colaboração de Anita Pequeno, Maria Iraci V. da Cunha, Lyzette Martins, Maria de Fátima C. Brito, Alexandre Marinho e Paulo de Tarso Leite.

Este catálogo foi editado, no Recife, pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, terminando-se a sua impressão, em março de 1980, ano do quarto centenário da chegada dos Carmelitas ao Brasil, ano do quarto centenário do nascimento de Duarte Coelho Pereira, do IV centenário da morte de Camões, do terceiro centenário da morte de Franz Post e do terceiro centenário da morte de André Vidal de Negreiros, tendo sido organizado por Eva Vasconcelos, Sílvia Brasileiro e Cristina Matos com a colaboração especial de Lygia Estêvão de Oliveira. A apresentação é da autoria do Professor Fernando Pio e as fotografias de Narciso Szymanowski. A tiragem desta edição é de 2.000 exemplares.

AGRADECIMENTO

A Lygia Estêvão de Oliveira que soube, no seus 32 anos de trabalho, preservar e dinamizar cientificamente o acervo doado por seu pai, através de sua capacidade e dedicação.
